DISCURSO DA S.E. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, O SENHOR PATRICIO AYLWIN AZÓCAR, NO INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS E INTERNACIONAIS (ISIS) DA MALÁSIA

KUALA LUMPUR, 11 de Novembro de 1992.

Senhoras e senhores:

Primeiramente, agradeço o convite para dirigir-me a vocês, e as palavras tão elogiosas do senhor Diretor. É uma honra para mim ser recebido neste prestigioso Instituto, que representa um importante espaço de reflexão para a projeção internacional da Malásia.

O Chile compartilha uma visão comum do Círculo do Pacífico que se abre com grande dinamismo e potencial, anunciando as novas tendências do século XXI. Embora no passado esse imenso oceano foi um obstáculo para o encontro entre os povos de uma e outra beira, o avanço da ciência e da tecnologia e a atividade dos setores econômicos permitiram superar a distância física, configurando o germe de uma futura comunidade do Pacífico.

UM NOVO MUNDO

O fim da Guerra Fria está dando lugar a um sistema internacional mais fluido e aberto, que representa novas possibilidades para o diálogo e a cooperação. Os alinhamentos políticos tradicionais estão perdendo força e as vinculações econômicas estão se diversificando no mundo atual.

Neste âmbito, o Círculo do Pacífico constitui um exemplo de um novo mundo que emerge. Lugar de encontro para múltiplas culturas e civilizações, ela abriga a diversidade e variedade que caracteriza nosso planeta.

O dinamismo econômico da região da Ásia-Pacífico tornou-se em um modelo para o resto do mundo, que desmente as visões pessimistas sobre as possibilidades de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. O sucesso das economias do Leste Asiático evidencia que nenhuma lei inexorável condena os povos ao subdesenvolvimento ou à estagnação.

As realidades da interdependência estão conectadas com este sucesso. As economias desta parte do mundo vêm decolando sucessivamente, graças ao esforço e à criatividade de suas sociedades e à prática de um regionalismo flexível e aberto. A troca de bens, serviços, capitais e tecnologias no Círculo do Pacífico se expandiu a tarifas desconhecidas em outros lugares.

Além disso, O Círculo do Pacífico está sendo o cenário de importantes mudanças políticas. Estão se registrando avanços esperançosos sobre os direitos humanos e a vigência dos princípios democráticos. Diversos países da área estão consolidando suas instituições políticas ou começam encorajadores processos de transição para a democracia.

Igualmente, destacamos os valiosos progressos que estão sendo registrados na área da segurança regional. O processo de diálogo no Camboja constitui o melhor exemplo desses avanços, resultado dos esforços diplomáticos exibidos no âmbito da ASEAN[1], conjuntamente com outros países asiáticos.

Como demonstração de nosso interesse neste processo, o Chile fica presente, através de seus marinheiros, nas forças de manutenção da paz das Nações Unidas estacionadas no Camboja.

O CHILE É UM PAÍS QUE SE PREPARA PARA O FUTURO

Após um longo período autoritário, o país recuperou, há pouco mais de dois anos, sua tradição democrática. Nosso país tem motivos legítimos para olhar o futuro com otimismo. Uma política voltada para a busca de acordos permitiu, nesse período, conciliar a democracia com o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, avançar na melhoria das condições de vida dos chilenos, especialmente dos mais pobres.

Estamos convencidos de que há uma relação de dependência mútua entre o crescimento econômico e a justiça social. Só uma paz social, baseada no acesso de todos os setores da população para uma possibilidade real de compartilhar os frutos do crescimento, pode assegurar as condições para um desenvolvimento econômico sustentável e harmônico.

Nossa preocupação pela dimensão social do desenvolvimento, que eu estimo vai ser o grande tema do nosso tempo, levou como resultado ao Governo do Chile propor, no meio das Nações Unidas, a realização de uma Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social, para discutir novas abordagens para a solução dos problemas socioeconômicos do mundo em desenvolvimento. Estamos interessados em promover uma troca de ideias e experiências amplas e frutíferas entre os países do Norte e do Sul.

O CHILE E SEUS NOVOS PARCEIROS NO PACÍFICO

Nosso sucesso econômico também tem se baseado em uma gestão distante das tentações de curto prazo, o que nos permitiu controlar a inflação, aumentar os empregos e os salários, o investimento e o volume de nossas exportações. Tudo isso nos indica que estamos avançando em um caminho estável e adequado.

[1] Associação de Nações do Sudeste Asiático.

A economia chilena está cada vez mais orientada para os mercados externos. Nossa convicção de que as melhores possibilidades de desenvolvimento para um país pequeno como o Chile residem em seu comércio exterior, nos leva a ser fervorosos defensores do comércio internacional livre e a redobrar os esforços para derrubar as barreiras protecionistas. Isso também propõe grandes coincidências com os países da ASEAN e outros da região Ásia-Pacífico.

A economia desta região tem ocupado um espaço muito relevante na diversificação de nossos vínculos com a economia mundial. Nos últimos anos, a Ásia-Pacífico tem representado a zona econômica mais dinâmica do nosso comércio exterior, alcançando 30% de nossas exportações, uma tendência que prontamente pode fazer possível que esta região mude em nosso principal mercado de destino, superando a Comunidade Europeia. O Japão, durante estes dois últimos anos, constituiu-se em nosso primeiro mercado individual, superando os Estados Unidos.

Nosso comércio com os países da ASEAN está se desenvolvendo positivamente. No entanto, temos a convicção de que ainda há muito a fazer na troca e na cooperação econômica entre nossos países. Estamos conscientes de que seu país representa uma das economias mais dinâmicas do Sudeste Asiático. Além disso, acreditamos que existem grandes possibilidades para a formação de empresas conjuntas, joint ventures, que podem facilitar o acesso dos empresários malaios aos mercados latino-americanos, assim como o acesso dos empresários chilenos aos mercados da ASEAN e de outras economias asiáticas.

Nosso governo está interessado em explorar com especial atenção as possibilidades de cooperação entre países que se acham em fases relativamente semelhantes em seus processos de desenvolvimento. A visita com a qual nos honrou o Primeiro-Ministro Mahathir o ano passado e nossa presença aqui, evidencia nossa vontade de fortalecer uma relação de cooperação Sul-Sul baseada em interesses concretos e não apenas em elementos retóricos.

É preciso apreciar o Chile não só pelo tamanho de seu próprio mercado, mas também porque, sendo o país da economia mais aberta da América Latina, pode ser uma base operacional ou um ponto de entrada para abordar outros mercados da região.

Nosso país está estabelecendo uma ampla rede de relações especiais com o resto dos países americanos. Em um mundo cada vez mais interdependente, os acordos bilaterais de livre comércio contribuem para abrir novos mercados, para oferecer novas possibilidades de cooperação e para garantir a estabilidade de nossas economias.

Isso implica o estabelecimento de barreiras de terceiros países. Por outro lado, o Chile considera essa rede de acordos um meio para facilitar e potenciar suas relações com o resto do mundo.

As vias terrestres que vinculam os portos nacionais com os centros de produção, assim como com os países vizinhos, constituem importantes corredores comerciais a serviço da integração regional e da interação transpacífica. Portanto, olhamos com especial interesse a expansão dos sistemas de transporte e telecomunicações através do Pacífico.

NOSSA POLÍTICA COM RELAÇÃO AO CÍRCULO DO PACÍFICO

Nossa ação no Círculo do Pacífico pretende misturar uma abordagem global que procure nossa plena integração na economia mundial, com uma abordagem regional que responda às características e realidades específicas do Círculo do Pacífico.

Dentro da abordagem global, incluem-se os esforços para liberalizar o comércio mundial, que constituem um dos objetivos prioritários de nossa política externa O protecionismo representa uma das maiores ameaças à nossa inserção internacional e, em última instância, para o desenvolvimento de nossos países.

Por isso, estamos comprometidos com a defesa de um sistema multilateral de comércio baseado no cumprimento dos princípios e disciplina do GATT[2]. Preocupa-nos a estagnação da Rodada Uruguai[3], que certamente nossos países não contribuíram. Acreditamos que a urgência de atingir avanços neste terreno aumenta enquanto continuam percebendo tendências protecionistas nos países industrializados. Os países grandes e com elevados níveis de renda podem fechar suas economias e pagar as despesas que isso implica. Os países em desenvolvimento, como o Chile e a Malásia, não têm essa alternativa.

A cooperação entre os países do mundo em desenvolvimento precisa se orientar em direção à liberalização e promoção do comércio. Esta convicção nos impulsiona a aderir ao Centro do Sul sobre Investimentos, Tecnologia e Comércio, iniciativa da Malásia que se traduziu no projeto mais representativo da cooperação horizontal entre países em desenvolvimento.

Na abordagem regional encontra-se nosso interesse e participação nos mecanismos de cooperação transpacífica. Concordamos totalmente com a Declaração de São Francisco, recentemente aprovada no IX Encontro Geral do Conselho de Cooperação Económica do Pacífico (PECC). Aderimos totalmente ao princípio do regionalismo aberto, que propõe a convivência dos acordos regionais como mecanismos para a expansão do comércio e dos investimentos, mas que também sustenta a necessidade de que estes acordos se desenvolvam em conformidade com a letra e o espírito de um GATT cada vez mais forte e eficaz.

O Chile compreende e valoriza os princípios, fins e objetivos do PECC e compartilha sua natureza não governamental, consultiva e tripartida. Achamos que suas análises independentes podem proporcionar antecedentes e sugestões eficazes para os governos e empresários que participam no Círculo do Pacífico. Temos fundadas esperanças de que o trabalho do PECC, sob a presidência do Dr. Noordin Sopiee[4], vai ser muito proveitosa.

[2] Acordo Geral de Tarifas e Comércio.
[3] A oitava rodada de negociações comerciais multilaterais do GATT (1986-1994).
[4] Dr. Mohammad Noordin bin Sopiee.

Consideramos o mecanismo de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC) como a instância mais promissora para criar uma mais estreita colaboração intergovernamental através do Pacífico. O Chile tem interesse em participar desta organização, e acreditamos que a abertura do mecanismo para países como o Chile pode enriquecer esse fórum e fortalecer suas atividades em áreas como a promoção do comércio, a cooperação econômica e a proteção do meio ambiente.

Nosso país está determinado a avançar para a próxima etapa do processo exportador aumentando o valor agregado de nossos produtos. Acreditamos que a experiência dos países da região Ásia-Pacífico é particularmente relevante nesse contexto. Além disso, abrem-se importantes possibilidades para a troca educacional e cultural, que contribuam para um maior conhecimento mútuo.

Sabemos que muitos dos países da região investiram intensamente no desenvolvimento de recursos humanos na área da engenharia, ciência, tecnologia e investigação. O Chile tem uma infraestrutura científica e tecnológica notável para um país pequeno e em desenvolvimento. No entanto, o país apresenta importantes necessidades nesta área e tem interesse em programas de cooperação.

O CHILE E A MALÁSIA, PARCEIROS NO CÍRCULO DO PACÍFICO

A Malásia entrou em um processo de desenvolvimento constante, com resultados econômicos impressionantes, sem deixar de lado a ênfase na criação de empregos e o aumento da renda por habitante. Igualmente, tem evidenciado um visionário interesse pela América Latina, particularmente pelo Chile e o México.

A Malásia e o Chile se acham em condições para desenvolver uma relação que pode se tornar em um modelo de vinculação entre as duas regiões mais dinâmicas do mundo em desenvolvimento. A Malásia pode ser o principal parceiro do Chile no Sudeste Asiático. Por sua vez, o Chile pode se tornar a porta de entrada dos produtos da Malásia na América do Sul.

Os contatos entre os respectivos setores empresariais demonstraram ser muito proveitosos. Tenho o privilégio de testemunhar pessoalmente a vigorosa realidade da Malásia, a firme vontade de seu Governo de atingir o desenvolvimento do país, o espírito empreendedor de seus empresários e a qualidade de seu povo.

Acreditamos que o futuro é promissor. Temos a vontade e a capacidade de fortalecer nossas relações em todos os âmbitos. Nossos empresários e acadêmicos compartilham estas ideias e interesses.

Aproveitamos criativamente as oportunidades que se abrem para esta comunidade do Pacífico. Isso vai ser bom para a Malásia e para o Chile; vai ser bom para o destino dos povos em desenvolvimento; vai ser bom para o Sudeste Asiático e para a América Latina.

Muito obrigado.

Pergunta: …

S.E.: Bom, eu acho que as palavras que acabo de dizer expressam essa opinião. Acho que existe uma grande perspectiva, que está em pleno desenvolvimento, diríamos, nos seus inícios. Nossos países estiveram distantes por séculos, e é surpreendente como, em poucos anos, o comércio recíproco cresceu de maneira vertiginosa. Nós no Chile não teríamos pensado, há 20 anos, que países da Ásia poderiam ser nossos principais parceiros comerciais, e atualmente, como já disse, a troca com o Japão, é nosso principal parceiro comercial, e a troca com a Malásia está crescendo rapidamente, como também com a China e com outros países do Sudeste Asiático.

Acreditamos que no caso específico da Malásia e do Chile, há algumas semelhanças. Ambos somos países com uma população menor aos 20 milhões de pessoas, nós temos 13 milhões e médio, vocês têm 17 ou 18 milhões; nós temos como renda per capita entre 2.500 e 3.000 dólares anuais; somos países que na linguagem internacional ainda qualificamos como países em desenvolvimento, mas temos um ritmo de crescimento muito importante. O ritmo da Malásia é incrível, porque durante muitos anos constantes tem aumentado entre 7% e 8% ou mais de 8% anual. Nós tivemos, nos últimos anos, uma média de 5%, e neste ano esperamos chegar a 8% ou superar 8%. Acreditamos que, no futuro, poderemos chegar à ordem de 7% ao ano de forma sustentada.

Isso cria perspectivas de crescimento para a gente, para os próximos 10 ou 20 anos, que podem mudar a aparência de nossos países.

Agora, precisamos ser capazes de nos ajudar mutuamente neste processo de crescimento, e não depender apenas das grandes nações desenvolvidas. Nesse sentido, a cooperação recíproca pode ser uma ferramenta muito eficaz.

Pergunta: ...

S.E.: Tenho todo o prazer em responder à sua pergunta. Na América Latina, nos países ibero-americanos, está se formando um processo de crescente integração. O Chile não fica fora, mas o país abriu sua economia antes dos demais países da América Latina. Sob o governo militar aconteceu uma diminuição drástica das barreiras protecionistas, das tarifas alfandegárias, isso estabeleceu uma tarifa fixa de 15% para todas as importações. Meu governo tem continuado essa política, e reduzir a tarifa para 11%. No Chile, qualquer produto do exterior paga apenas 11% de tarifa.

Nós acreditamos na abertura ao exterior como a base para o desenvolvimento e crescimento de nossas economias, e isso levou o Chile a se concentrar no exterior.

Em outros países do continente não tem acontecido o mesmo, ao mesmo ritmo. Então, formaram-

se blocos, como o Mercosul, entre a Argentina, o Brasil, o Uruguai e o Paraguai; o *Pacto Andino*[5], entre a Colômbia, o Peru, a Venezuela, a Bolívia e o Equador. E devido a essas características de maior abertura de nossa economia, decidimos negociar em acordos bilaterais com países que tivessem um grau de abertura mais semelhante ao nosso.

O país que estava mais disposto, depois do Chile, era o México e, portanto, foi fácil chegar a um acordo de livre comércio com o México, isso significa que em cinco anos os produtos entre o México e o Chile não vão pagar tarifa nenhuma. Haverá uma troca isenta de impostos.

Estamos avançando em direção a programas semelhantes com a Venezuela e a Colômbia, e esperamos que à medida que os países do Mercosul também reduzam suas tarifas, possamos atingir uma economia totalmente aberta com eles também, e criar uma comunidade econômica muito grande entre as nações da América Latina.

Agora, nós não percebemos esse processo como um processo exclusivo ou fechado. Não queremos criar uma comunidade econômica latino-americana fechada para o resto do mundo. Portanto, nossa economia continua aberta também com o resto do mundo e, nesse sentido, é que olhamos com satisfação o acordo de livre comércio entre o México, o Canadá e os Estados Unidos, e também aspiramos, no futuro, a ter uma relação semelhante com os Estados Unidos.

No entanto, repito, acreditamos que isso não nos fecha para o comércio com o resto do mundo, também em condições abertas, e isso cria perspectivas para nossos parceiros do resto do mundo, para atingir inclusive os mercados norte-americanos, e os outros países da América Latina, através dessa abertura do Chile com esses países.

Certamente, nesse sentido, vemos a APEC como um campo muito favorável e, nessa mesma filosofia de desenvolvimento econômico, queremos participar de forma ativa na APEC, como o México também solicitou.

Pergunta: ...

S.E.: Realmente, as democracias na América Latina não têm raízes muito profundas, exceto o Chile e o Uruguai, que desde suas independências tiveram uma continuidade institucional democrática muito grande, com breves interrupções, o Chile teve uma guerra civil em 1891, há um século, que durou oito meses, e depois continuou o regime democrático, e houve eleições presidenciais e parlamentares normais; teve um período de interrupção entre 1925 e 1932[6], e voltou a ter outra interrupção entre 1973 e 1989[7]. O fato é que no Chile existe uma cultura democrática muito arraigada. Acredito que acontece o mesmo com o Uruguai.

Com exceção da vocação democrática de seus líderes políticos, no resto dos países da América Latina houve uma instabilidade considerável ao longo da história, uma frequente alternância entre

[5] Atualmente "Comunidade Andina".
[6] A ditadura do regime de Carlos Ibáñez del Campo ocorreu entre 1927 e 1931.
[7] A ditadura de Augusto Pinochet terminou em 1990.

tentações populistas e tentações autoritárias. Percebemos que a experiência do mundo atual nos convida a escolher caminhos democráticos, e acredito que a maioria dos países da América Latina acha que essa é a direção certa.

Contudo, indubitavelmente não se pode garantir uma estabilidade própria das nações que têm uma tradição democrática. Porém, de acordo com meu conhecimento, quanto à situação da Venezuela e da Colômbia, você também perguntou pela Bolívia, sou muito otimista. Acredito que na Colômbia o Presidente Gaviria e os partidos democráticos estão fortemente comprometidos com uma luta muito complexa contra o fenômeno aliado do narcotráfico e o terrorismo, mas estão tendo sucesso, e eu acredito que a Colômbia é um país que tem muita estabilidade.

O problema no Peru é mais complexo. O *Sendero Luminoso*[8] é uma organização terrorista muito poderosa, que, aparentemente, também tem vinculações com o narcotráfico, mas o Presidente Fujimori teve, sem dúvida, um sucesso muito grande ao encurralar o *Sendero Luminoso*. Tomara que o plebiscito anunciado pelo Presidente Fujimori para este mês, permita renovar o funcionamento das instituições parlamentares do Peru, e que isso contribua para uma progressiva consolidação democrática.

Em outros países, na Venezuela, a Venezuela está vivendo um processo, eu diria que mais que de instabilidade política, de instabilidade, de uma crise econômica, motivada pela necessidade de modificar a economia. A Venezuela tem vivido um período muito longo de vacas gordas, na linguagem da Bíblia[9], e já tivemos um período de vacas magras. Isso determinou uma modificação, com as seguintes repercussões.

Na semana passada eu estive compartilhando com parlamentares dos principais partidos venezuelanos, e todos têm consciência de que é preciso fazer um esforço grande para evitar uma falha, e há vontade nesse sentido.

Com relação à Bolívia, eu percebo estabilidade. Acho que tanto a Colômbia quanto a Bolívia são países onde não vejo perigo. O Peru e a Venezuela são um pouco mais complexos.

Em resumo, temos otimismo quanto à evolução democrática do nosso continente, mas não se pode garantir que não se produza algum contratempo.

Pergunta: ...

S.E.: Bom, essa é a pergunta de um milhão de dólares. É muito difícil encontrar a resposta e seria muito pretensioso da minha parte fazer isso. No entanto, acho que posso fazer pequenas reflexões sobre o assunto, que podem indicar linhas ou orientações.

Primeiramente, acredito que a democracia precisa de uma cultura democrática. Cultura democrática, quer dizer, nos acostumarmos a entender que fazemos parte de uma mesma comunidade nacional, apesar de nossas diferenças. Ou seja, as diferenças de variados tipos étnicos,

[8] Também conhecida como "Caminho Luminoso" em português, é uma organização revolucionária maoista que promoveu a guerrilha com o objetivo de transformar o modelo político do Peru.
[9] Gênesis 41:26.

econômicos, sociais, políticos ou ideológicos, não são barreiras que precisam nos dividir em equipes antagônicas, é mais o que nos une do que o que nos separa, temos um destino comum e, em consequência, nós precisamos respeitar.

Acho que a base essencial que está conectada ao conceito da dignidade das pessoas humanas, ao conceito de respeito pela liberdade espiritual do ser humano, é respeitar nossas diferenças, priorizamos o que nos une em vez do que nos separa, precisamos um limite para nossas discrepâncias. A controvérsia faz parte da essência da vida política dos povos, também não ter o mesmo pensamento e ter diferentes receitas e caminhos para atingir a felicidade de nossos povos, mas entendemos que nas diferenças há um limite onde, como nos esportes, se joga observando algumas regras, das quais não se pode sair. Acho que isso é o primeiro.

Logo, acho que existe um aspecto social muito importante: acho que a vigência da liberdade está estreitamente vinculada à justiça, não apenas no sentido do respeito aos direitos de cada pessoa, mas também das possibilidades de crescimento, de desenvolvimento dos distintos setores que formam uma comunidade nacional.

Se o país está profundamente dividido por grandes desníveis econômicos, há pessoas muito ricas e outras muito pobres, certamente tende a se produzir uma fratura que coloca em risco a estabilidade e a paz social e, portanto, a democracia.

Por isso, utilizamos a frase *crecimiento con equidad*[10].

Não vou tentar dar mais soluções. Tampouco pretendo que estas sejam infalíveis, mas acredito que são duas diretrizes ou orientações importantes para responder à sua pergunta.

Pergunta: ...

S.E.: Como resultado da revolução cubana, Cuba se tornou não apenas um país que tinha um regime político e econômico diferente dos demais países da América Latina, mas um país que tentava ativamente ser proselitista, quer dizer, promover o estabelecimento desse mesmo regime no resto dos países do continente.

Nesse momento, Cuba se tornou líder de um movimento de revolução interna nos demais países da América Latina. Isso fez com que o resto dos países latino-americanos, com poucas exceções, achassem ameaçada sua estabilidade institucional e política interna, devido ao apoio desde Cuba para os movimentos revolucionários que existiam no interior dos distintos países do continente.

[10] Em português "crescimento com equidade". Faz referência às reformas socioeconômicas que fizeram parte do programa do ex-presidente Patricio Aylwin.